

Cecilia Meireles

(1901-1964)

Ninguém falara da morte em língua portuguesa com tanta ternura antes de Cecília Meireles, e muito poucos poderão fazê-lo com igual intensidade depois. Ninguém dera ao diálogo do Efêmero e do Eterno um aspecto tão úbico, sem pretender jamais à pregação filosófica ou religiosa, mas apenas, como ela própria o definiu, "por uma contemplação poética afetuosa e participante" (entrevista a *Manchete*, 3-10-53).

Poetisa profundamente consciente da tradição lírica ibérica (tantos, em 1938, quando a Academia Brasileira de Letras deu-lhe o prêmio de poesia, criticaram-na por mais ibérica que brasileira!), ela soube contribuir originalmente para esta tradição com uma atitude de conhecimento e amizade com a morte, não estoica mas sábia, não masoquista mas integrante, que a tornou a primeira alta voz universalizante da poesia brasileira moderna.

Cecília Meireles nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901. Seus ancestrais vieram dos Açores. Já órfã de pai ao nascer, a mãe morreu-lhe aos três anos; criou-a a avó materna.

Em 1917, já é professora primária, mas é à literatura que vai dar a melhor parte de seu interesse pois, daí há dois anos, publica seu primeiro livro de versos, *Espectros*. A característica fundamental desta obra — rara e jamais reeditada — é seu espiritualismo. A poetisa carioca liga os últimos elementos de um simbolismo não de todo morto aos valores que um grupo de intelectuais (de base principalmente católica) tentava erguer, mais ou menos em contraposição ao nacionalismo da Semana de Arte Moderna, defendendo a universalidade como única forma válida de expressão. Posteriormente, Cecília vai se identificar ainda mais com estes princípios, ao tomar parte na responsabilidade editorial de revistas como *Árvore Nova*, *Terra de Sol e Festa* (1922-1927), frutos do neo-simbolismo pré-moder-

nista, mas já incorporando qualidades formais das novas tendências de vanguarda.

A grande poetisa, entretanto, a Cecília Meireles que conhecemos hoje, nasce quando a editorial Império, de Lisboa, publica *Viagem*, em 1939. Daí até *Solombra* (1964) há um monólogo constante em que a morte, o homem e a possibilidade da existência de Deus representam a maior parte. Muito significativamente, ao organizar a edição de sua *Obra Poética* (Aguilar, 1958), o primeiro livro incluído foi *Viagem*, esta "flor do espírito, desinteressada e efêmera", como se auto-definiu na primeira página. *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto* (1945), *Retrato Natural* (1949), *12 Noturnos da Holanda e O Aeronauta* (1952), *Canções* (1956), *Metal Rosicler* (1960) são alguns dos momentos dêste diálogo que ficaram marcados mais fundamente na literatura brasileira. *Romanceiro da Inconfidência* (1953), pelo que êle tem de madureza e sensibilidade, é o ponto mais alto de todos: uma demorada meditação sôbre o Brasil, um retrato gótico do país, em que os elementos poéticos com que convivia surgem como definidores da entidade nacional:

Ó silenciosas vertentes
por onde se precipitam
inexplicáveis torrentes,
por eterna escuridão!

No Brasil, nem só como poetisa a conheciam: educadora, jornalista, folclorista, ela foi uma das figuras mais atuantes de nossa cultura. Responsável pela primeira biblioteca especializada infantil, criadora da cadeira de Literatura Luso-Brasileira e, em seguida, de Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal, ela fêz mais que qualquer outro escritor contemporâneo pelo conhecimento mútuo das duas mais importantes literaturas em língua portuguesa. Seu *Poetas Novos de Portugal* (1944) é ainda hoje a fonte básica onde vai beber quem se interessa no Brasil pelo que se passa no Portugal contemporâneo. Pode-se mesmo afirmar que a ela deve muito a popularidade aquém mar de um Fernando Pessoa e de um Camilo Pessanha.

Conferencista e professôra, Cecília levou a cultura brasileira além das fronteiras nacionais: Portugal, Estados Unidos (professôra da Universidade do Texas), Uruguai, Argentina, Índia, Pôrto Rico, Israel, Europa Ocidental, em todos êstes locais ela deixou alguma marca de sua atividade.

Ao falecer, em novembro de 1964, Cecília Meireles havia construído uma obra literária que a iguala aos primeiros criadores da língua portuguesa. Sua herança (“êste mar solitário, que de um lado era amor e, do outro, esquecimento”) está presente em toda a poesia brasileira contemporânea, mesmo naqueles mais impenetráveis à sua musicalidade atonal e às suas preocupações espirituais. Na sua intuição de poeta ela o sabia, ainda que o freio da modéstia não permitisse sua afirmação total:

Minha canção não foi bela:
minha canção foi só triste.
Mas eu sei que não existe
mais canção igual àquela.

Tulane University

HEITOR MARTINS

